Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO-MEMORIAL / MEMORIAL ARTICLE
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.732

A CONSCIÊNCIA DE-SI NA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

PAULO JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS [1], ANTONIO JOSÉ DE SOUZA[2]

RESUMO: Este artigo-diálogo traz as experiências vividas pelo primeiro autor como 'espaço autobiográfico', relatando-nos as passagens de suas memórias entre o período da infância à fase adulta, passando pelos processos de escolarização. Conta-nos, ainda, das dificuldades de uma infância marcada pela pobreza e suas percepções a respeito da educação que sua Mãe pôde lhe proporcionar; dos enredos nas relações entre a família-escola e de sua participação enquanto pai na educação de seus filhos. Para tanto, utilizou-se como método a pesquisa (Auto)Biográfica o que permitiu narrar a trajetória, vivências, sensações, sentimentos, dificuldades através da escrita de-si.

Palavras-chave: Família-escola, Consciência, Memória, (Auto)Biografia.

1 - Pedagogo. Doutorando em Difusão do Conhecimento – IFBA, LNCC, SENAI-CIMATEC, UEFS, UFBA, UNEB – com período sanduíche na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra/Portugal. Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Didática (IFRN). Especialista em Educação do Campo (IFBAIANO). Especialista em Psicopedagogia Institucional (FINOM). Integrante do Grupo de Pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico (TSPPP) e Gestão, Educação, Ciência e Tecnologias para a Inclusão Social (GECTIS). Professor da Rede Municipal de Ensino em São Francisco do Conde/BA. E-mail: pjcazuza@gmail.com;

2 - Teólogo/Historiador. Doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV). Especialista em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano/Campus Senhor do Bonfim). Professor da Educação Básica do município de Itiúba/BA. Integrante do Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes/IFBaiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e foi Pesquisador-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) entre 2019-2022. E-mail: tonnysouza@gmail.com.

Self-consciousness in the family-school relationship

ABSTRACT
Abstract: This dialogue-article brings the experiences lived by the first author as an 'autobiographical space', telling us the passages of his memories from childhood to adulthood, passing through the schooling processes. He also tells us about the difficulties of a childhood marked by poverty and his perceptions about the education that his Mother could (se a observação que fiz no resumo não estiver correta, manter can) provide him; of the entanglements in the relationships between the family-school and his participation as a father in his children education. For that, the (Auto)Biographic research was applied as a method, which allowed the narrative of his trajectory, experiences, sensations, feelings, difficulties through self-writing.

Keywords
School-family, Conscience, Memory, (Auto)Biography.

Família: recurso para a pessoa situada no mundo

(Por: Antonio José de Souza)

> "[...] tomar a família como uma categoria matriz para a compreensão da relação entre a ancestralidade [...] [e o] 'tornar-se' pessoa consciente 'de si' próprio(a)."
> (SOUZA, 2022, p. 47)

Uma vasta literatura, principalmente no âmbito da Psicologia, revela que o desenvolvimento humano* depende do apoio social e afetivo. Nesse sentido, a relação familiar é sobremaneira importante, pois constitui o ambiente propício para a composição de todos os repertórios elementares da criança, como, também, a intercambiação com a escola, fazendo-se necessária no estabelecimento de futuras relações (BRITO; KOLLER, 1999; SOUZA, 2020).

* Pega-se de empréstimo da Psicologia o conceito de desenvolvimento humano que, segundo Brito e Koller (1999, p. 115), dar-se através do "[...] apoio social e afetivo. Sua importância para a Psicologia reside no fato de ser uma interface entre a pessoa e o ambiente social do qual ela faz parte, tendo influência direta no seu desenvolvimento [...] suas estratégias e competências para estabelecer vínculos [...]".

Na esfera da vida familiar é onde ocorrem os primeiros contatos da criança com o mundo, isto é: "[...] as primeiras relações [...], avanços cognitivos [...] capacidades e habilidades envolvidas na relação de apego com os pais para outras relações da criança [...]" (BRITO; KOLLER, 1999, p. 119). Relações espraiadas e experimentadas na escola, afinal, "[...] a família, a escola e a organização comunitária [...] [e as] relações estabelecidas nessas áreas são adequadas para fornecer apoio social e afetivo [...]" (BRITO; KOLLER, 1999, p. 122); ajudando as crianças na reflexão acerca das vicissitudes próprias do vivido e das vivências. Por isso, como afirma Brandão (1985, p. 7), "[...] ninguém escapa da educação [aprendizagem]. Em casa, na rua, na igreja, na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.".

Daí a importância, conforme a epígrafe, de "reivindicar" a família enquanto uma categoria na qual se compreende a pessoa e a sociedade tanto na perspectiva 'presentista' quanto no passado traçando a ancestralidade. Afinal, a família, além do seu caráter de grupo biológico e jurídico, constitui-se no aspecto das relações da vida privada e pública; permitindo conhecer a pessoa (na sua individualidade/parentalidade), mas também a sociedade e, consequentemente, o momento histórico, as questões de classe e de cultura. Em suma, a família como microcosmo da sociedade e, portanto, ambígua: ninho e nó, pois é proteção e acolhimento na vida privada, porém é conflagração e dilema (BASTOS *et al.*, 2015; PERROT, 1993). Nesse viés, o álbum de família, os diários, as correspondências, as histórias orais e as (auto)etnografias familiares são fontes históricas que ajudam na "leitura" da pessoa situada no mundo. Por isso, o sociólogo italiano

Donati (2008) fala da família nos seus elementos de identidade biológico-genética, no entanto, enfatiza a identidade-identificação, quer dizer: a família como o lugar das próprias raízes, pois é o elo psíquico e simbólico de extraordinárias redes sociais entre o passado, o presente e o futuro.

Este prólogo, em parágrafos, serve ao objetivo de apresentar a seção escrita por Paulo José que, ao assenhorear-se das palavras escritas em primeira pessoa, torna-se, aqui, o 'espaço biográfico'. Ele próprio 'espaço (auto)biográfico', relatando-nos passagens de sua vida e contando-nos das histórias subjetivas junto às personagens (por exemplo: a Mãe) que nunca fizeram parte da História oficial. Com tal protagonismo na contação narrativa, Paulo revela-nos a óptica 'autorrepresentativa' de quem assume o lugar do etnólogo de-si, quer dizer: empreendendo um retorno para-si-mesmo através da memória sobre-si-e-os-outros. Dito de outro modo, Paulo é um etnólogo em 'falsa partida', pois a retirada de-si é sem ausentar-se de-si-mesmo. Isto é possível quando olhamos o vivido (o passado), situado no vivendo (o presente), vislumbrando o porvir (o futuro) de-si-mesmo. Tem-se, nessa tríade, a pessoa em processo de consciência de-si-próprio-e-do-outro (AGIER, 2015; ARFUCH, 2010; DOSSE, 2015; SOUZA, 2022).

A memória de-si em revisitação

(Por: Paulo José Pereira dos Santos)

Retomando as memórias da minha infância, percebo o quanto a família e a escola foram instâncias fundamentais para o meu processo de desenvolvimento em interação com as muitas culturas que me atravessaram e atravessam, integrando, definitivamente, as minhas identidades*.

Sou proveniente de uma família denominada, pelos estudos sobre família na sociedade contemporânea, de monoparental-matrifocal, ou seja, um grupo doméstico regido e centrado na mulher de modo que os demais funcionem a partir de sua influência e, nesse sentido, é ela a responsável por cuidar e educar os(as) filhos(as), sendo a mantenedora por excelência, à vista disso, concilia várias jornadas de trabalho (PETRINI, 2004).

Minha Mãe, Leopoldina Pereira dos Santos, conhecida na comunidade como Dona Neném de Purcino, era a chefe da família e trabalhou dos oito aos cinquenta e cinco anos de idade, muitos deles, quase trinta anos, dedicados à cultura do sisal, nas batedeiras**, exercendo a função de catadora de bucha, em jornadas de trabalho que poderiam durar mais de dez horas a fim de

* Levando em consideração que a identidade é um termo polissêmico, achamos adequado informar que recorremos aos estudos de Bauman (2005) por considerá-lo mais pertinente ao texto. Desse modo, Bauman (2005) compreende a identidade a partir de um contexto pós-moderno no qual as relações têm um significado liquefeito e, por consequência, não se pode falar em uma identidade única e sólida, como se percebia na modernidade. Por isso, refere-se 'às identidades' que "[...] flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]" (BAUMAN, 2005, p. 19).

** Unidades industriais que alisam e selecionam as fibras de sisal. Da batedeira, a fibra sai pronta para ser vendida como matéria-prima para outras regiões brasileiras e/ou para o mercado externo (SANTOS; SILVA, 2017, p. 3).

conseguir o sustento da família. Ao chegar em casa, no final do dia exaustivo, ainda tinha que dar conta das atividades corriqueiras e da educação escolar dos(as) filhos(as).

Minha Mãe dizia que só havia frequentado a escola uma única vez na vida, mas sempre matriculou seus(as) filhos(as) e nos dava conselhos para estudar, andar em boas companhias e não mexer nas coisas alheias. Não podíamos chegar com nenhum brinquedo ou objeto novo que ela nos fazia deixar onde tínhamos encontrado ou mesmo devolver a quem nos presenteou.

Éramos dez filhos(as), nove biológicos e uma de criação, filha de seu primeiro marido. Em nossa família, sempre tivemos que conciliar trabalho com os estudos, pois era preciso trabalhar para ajudar nas despesas de casa. Todos(as) filhos(as) frequentaram a escola e finalizaram o Fundamental I, mesmo diante das dificuldades, naquela época, de acesso e permanência na educação formal. Quatro deles(as) avançaram um pouco mais e conseguiram concluir o Ensino Médio e apenas dois avançaram para o Ensino Superior. Eu, mesmo sendo o mais novo, fui o primeiro da família a ter diploma superior.

Minha família era muito pobre, o que nunca foi impedimento para dona Neném viabilizar, com esforço descomunal, a escola para os(as) seus(suas) muitos(as) filhos(as). Ela era analfabeta e não tinha condições de nos auxiliar nas questões teóricas e próprias do mundo letrado, neste caso, ela demandava tal tarefa aos(às) filhos(as) mais velhos(as) e que já dominavam a leitura e a escrita. Lembro-me de que a educação era prioridade em nossa casa. Apesar das muitas necessidades, na hora de escolher entre educação e algo que não fosse alimentação, geralmente, escolhia-se a educação (a compra das fardas ou calçados, materiais didáticos, ajuda para as festividades). Ela nos ensinou que os(as) professores(as) devem receber todo respeito e consideração e que não podíamos levar queixas da escola para casa; por isto, evitávamos peraltices na escola. Sempre que possível, ela participava das reuniões escolares, e quando era convidada a ir à escola, atendia aos chamados. Muitas vezes aparecia por lá sem ser convidada, apenas para fazer a nossa fiscalização.

Dona Neném tinha seu jeito peculiar de resolver as coisas e certa vez, na segunda série, do Fundamental I, tive a brilhante ideia de ir para casa por dois ou três dias seguidos às dez horas da manhã. Visto que minha casa ficava no percurso que boa parte dos(as) estudantes fazia para chegar à escola, imagino que ela deve ter achado estranho apenas eu retornar da escola naquele horário. Então, ela me pegou pelo braço, conduziu-me até a escola, deu chute na porta da sala onde estava acontecendo a aula; a porta bateu na parede e voltou, e ela me arremessou para dentro da sala. Eu dei um giro de 360º graus e fiquei entre a professora e a minha Mãe. Ao recordar desse episódio, lembro-me bem dela dizendo: "[...] fique aí, se você for embora mais cedo novamente eu lhe dou uma surra aqui dentro da sala". Ela deu as costas e saiu. Depois da saída triunfante de minha Mãe, foi a vez da pró Dagnalva me dar uma bela lição de moral. Após essa experiência, passei a não achar tão interessante a presença da minha Mãe na escola por causa de indisciplina.

Se minha Mãe usou o método mais apropriado, não sei. No entanto, segundo Freire e Guimarães (2013, p. 36), "[...] os verdadeiros juízes dos pais são os filhos, e não os vizinhos nem os pedagogos profissionais, e nem os médicos. Os juízes são os filhos. Eles é que te dirão mais tarde, como hoje [eu digo].", sendo assim, eu não a julgo. Minha Mãe nunca foi muito boa com as palavras e talvez aquela ação fosse uma forma de dizer que eu não deveria desistir e que o estudo, como ela gostava de dizer, era a minha única chance. Eu sei que ela depositava em mim grandes expectativas em relação aos estudos; espero ter correspondido.

Vale destacar que minha Mãe não foi obrigada a chefiar a família em virtude da violência de uma guerra, assim como fez a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, que sucumbiu filhos, irmãos e pais. Tal hecatombe exigiu das mulheres, daquele tempo, "prescindir" os homens e assim, assumir trabalhos de dominação masculina, misturando-se à vida da cidade e criando, sozinhas, a geração futura. Foi uma das muitas irrupções femininas ao poder paterno que, com o tempo, viu-se amesquinhado (ROUDINESCO, 2003).

As circunstâncias para minha Mãe eram outras, no entanto, ela também teve que "travar" suas batalhas, convivendo com as baixas expectativas da sociedade acerca da sua capacidade de "formar pessoas de bem", pois havia a identificação insistente entre o fracasso e famílias "desestruturadas" como a minha, portanto, não éramos a "[...] família nuclear [...] composta na sua grande maioria de pai, mãe e de um ou dois filhos no máximo [...]" (LEAL; MOREIRA, 2011, p. 70), éramos o modelo de família no qual, para muitos(as) professores(as), residem os problemas originários do ensino-aprendizagem.

Iniciei minha trajetória escolar por volta dos quatro anos de idade na Creche Municipal Aldaci Bahia Mota, na sede do município de Valente*/Bahia. Sempre fui um estudante com bom desempenho escolar, meu problema estava nas conversas; "corria" para terminar as atividades mais rápido e ficava conversando na sala e, muitas vezes, metendo-me nas conversas alheias, que provocavam queixas frequentemente dos professores(as) à minha Mãe. Nesse percurso, muitos(as) professores(as) contribuíram para a minha formação, e muitos(as) outros(as) foram como pais, parceiros(as), amigos(as), que com os seus conselhos incentivaram-me a ir mais longe, a acreditar, a ver um potencial não percebido.

* Município com aproximadamente 29.111 mil habitantes (IBGE, 2021), situado no semiárido baiano, acerca de 240 km de Salvador; faz parte da região sisaleira e é conhecido como a capital brasileira do sisal, devido a seu grande destaque no beneficiamento da fibra.

Quando estava no Ensino Médio, trabalhava em uma empresa e estudava à noite; após concluir os estudos, passei no vestibular e iniciei o nível superior em Pedagogia, enfrentei grandes obstáculos. Mesmo trabalhando quase 60 horas, faltava dinheiro, e por vezes ia apenas com o valor da passagem; como morava e trabalhava em Valente e estudava na Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *Campus* XI) em Serrinha, percorria mais de 130 km diários e a falta de transporte era constante. Nesse período, apenas eu morava

com minha Mãe, todos os(as) meus(minhas) irmãos(ãs) tinham migrado para o Sudeste do país em busca de emprego. Minha família sempre me apoiou e me auxiliou nesse período, até então, eu era o único que havia conseguido chegar ao nível superior. Nessa época, minha Mãe me perguntava: "[...] vai para 'escola' hoje não?", referindo-se à Universidade; lembro-me do orgulho que ela sentia em dizer que eu era professor.

Ainda no período do Ensino Médio, conheci a minha companheira, Katiuscia, que também se tornou professora, e construímos nossa formação em parceria. Inclusive, passamos no vestibular no mesmo ano, eu em Pedagogia e ela em Letras, e mantemos essa mútua colaboração ainda nos dias de hoje. Tivemos dois filhos: um menino, Ricardo; e uma menina Paola, e com a chegada da vida escolar deles, vislumbrei uma nova realidade da vida escolar, agora pela ótica de pai, pois "[...] ensinar a criança a aprender é uma das maiores lições de vida que os pais podem passar a seus(as) filhos(as) [...]" (TIBA, 2008, p. 22), dado que, para colaborar na construção de conhecimento dos meus filhos e acompanhá-los, achei necessário o estreitamento das relações com eles, com a escola e seu corpo de funcionários.

Mesmo com as crianças continuamos – minha esposa e eu – estudando, trabalhando, apoiando-nos. Exemplo disso foi quando passei em um concurso para o município de Conceição do Coité/Bahia e numa seleção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); optei pela última, pois poderia ficar na minha cidade, dando suporte às crianças, porque minha esposa trabalhava em outra cidade, no município de Araci/Bahia. Depois de um tempo, prestei concurso para professor-pedagogo, no município de São Francisco do Conde/Bahia, para – pela primeira vez – trabalhar com alunos(as) do Ensino Fundamental I, já que, até então, ensinava apenas para o Fundamental II e no Ensino Médio as disciplinas de Humanas.

No curso da jornada, sentimos – minha esposa e eu – a necessidade de investir na nossa carreira docente, através do aperfeiçoamento profissional. Por isso, fizemos juntos a Especialização em Educação do Campo, IFBaiano, *Campus* Serrinha, e depois o Mestrado em Educação e Contemporaneidade, UNEB, *Campus* Salvador e, agora, o Doutorado em Difusão do Conhecimento (UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, LNCC e Senai Cimatec).

Buscamos educar nossos filhos nos envolvendo, participando de suas vidas. Desse modo, compartilhamos, enquanto pais, as responsabilidades, pois trabalhamos em cidades diferentes. Em razão disso, contamos com uma rede extensiva familiar*, além do auxílio dos pais de minha esposa e de nossa querida amiga Maria José, que de babá tornou-se a "dinda" de nossos filhos (forma carinhosa de chamá-la, já que ela é a madrinha do filho mais velho), e mais uma mãe para eles e para nós. Isso posto, vale destacar que somos pais com o privilégio/condição de poder contar e manter uma rede de apoio e afeto.

* Formada por parentes próximos com os quais a criança convive e tem afinidade e afetividade (ECA, art. 25, BRASIL, 1990).

Privilégio, pois se trata, infelizmente, de uma realidade de poucos pais no Brasil. Basta analisarmos o que aconteceu ao pequeno *Miguel Otávio Santana da Silva* (ADORNO; GAMA, 2020), 5 anos de idade,

vítima de um homicídio culposo ao despencar, em 2 de junho de 2020, do nono andar de um prédio de alto padrão na grande Recife, de uma altura de 35 metros (o processo na justiça segue até hoje sem conclusão). Miguel acompanhava a mãe, Mirtes Renata Santana, ao trabalho. Ela era empregada doméstica do casal Sérgio Hacker, prefeito do município de Tamandaré/Pernambuco, e de Sarí Mariana G. Hacker Corte Real. Mirtes não tinha com quem deixar o filho, visto que a creche em que ele ficava, enquanto ela trabalhava, estava com as atividades suspensas devido à pandemia do novo coronavírus. Miguel morreu enquanto estava sob os cuidados de Sarí, porque Mirtes precisou descer para passear com a cachorra dos patrões.

Portanto, Mirtes não foi uma mãe negligente por expor o filho, e a si própria, ao risco do contágio de coronavírus. Mirtes não foi leviana ao sair para passear com o bicho de estimação dos patrões, deixando o seu filho. Mirtes não foi uma mãe inconsequente ao deixar seu filho sob os cuidados de outra pessoa adulta. A morte de Miguel e o luto de Mirtes é um trágico exemplo de como acontece a supremacia branca à brasileira: "sutil" porque não temos aquelas ideias supremacistas – dos brancos clássicos – transformadas em lei, como nos Estados Unidos; mas é extremante perigosa, pois tem o mesmo princípio de que algumas pessoas são mais humanas em detrimento de outras. A morte de Miguel revela o pior da sociedade brasileira (COSTA, 2020).

No nosso caso – minha esposa e eu – quando não estávamos presentes, os cuidados às crianças ficavam por conta de dona Maria José, que nos auxilia em casa, ou dos avós, Lúcia e Araújo. Eles(elas) contribuem levando-os para a escola, o curso de inglês, a escolinha de futebol e o balé; organizando a rotina das crianças, cuidando da alimentação, tarefas de casa e colaborando, também, com conselhos e orientações para a vida prática. Percebendo a necessidade de um acompanhamento maior, organizamos nossas folgas do trabalho em dias diferentes, garantindo, assim, a presença diária de pelo menos um de nós, na vida cotidiana e escolar de nossos filhos. Definitivamente, somos privilegiados, porque é por conta da rede apoio que conseguimos participar ativamente da educação dos nossos filhos, tanto em casa quanto na escola. Atualmente eles estudam no município de Valente/Bahia, e dentro das possibilidades, realizamos um acompanhamento escolar contínuo e uma parceria com a escola.

Sobre a escola, buscamos manter um diálogo constante com os(as) gestores(as), professores(as) da turma, auxiliamos nas tarefas, fazemo-nos presentes nos eventos e nas reuniões escolares e participamos das discussões no grupo de *WhatsApp* dos pais da turma, pois sabemos o quanto a tecnologia pode ser útil. Em razão de sermos professores, colocamo-nos à disposição dos nossos filhos, auxiliando-os no necessário.

Nessa breve partilha da minha história de vida, fica evidente a intrínseca relação entre família e escola; posto que "[...] toda ajuda é bem-vinda: a família precisa da escola e vice-versa." (SOUZA, 2020, p. 136). Nessa díade – família-escola –, prefiro que 'família' seja escrito primeiro por ser o lugar da origem, do pertencimento e das mediações identitárias (DONATI, 2008); mas, também, porque para além da postura de professor-pesquisador da minha própria sala de aula, não posso descuidar da identidade de "pai" da

minha família. Nesse sentido, procuro me afastar da figura de um professor austero que, muitas vezes, representa a escola como o "lugar do saber" e do conhecimento técnico protegido, "[...] enquanto o saber familiar ganha contornos secundários, sobretudo das classes populares que é julgado como inepto e desqualificado para o auxílio do dever de casa dos filhos [...]" (SOUZA, 2020, p. 140).

A escola pública do nosso tempo está, como ressalta o professor de Souza (2020, p. 140), "[...] comprometida com a assistência social dos mais pobres da sociedade, ocupando-se com a higiene, a alimentação e a orientação às famílias [...] [sobras as] outras necessidades das crianças [...]" e, também, por isto, sobrecarregada e muitas vezes criticada por sua baixa qualidade acerca da função de produzir e oferecer conhecimento: ler, escrever, interpretar, calcular, raciocinar. Não há dúvida de que a educação escolar é parte fundamental no desenvolvimento de uma criança, sendo também decisiva para a sua formação cidadã ou projeto de vida. Por essa razão, entendo que a família e a escola devem construir uma interação para o acompanhamento das práticas educativas da escola e no cotidiano do lar, buscando oferecer o suporte necessário à existência do(a) filho(a)-educando(a).

Ao final, o que pode ser dito?

(Por: Antonio José de Souza)

> "[...] vivemos uma condição dialética entre o geral e o particular. Não existe o indivíduo particular que escape [ao] geral, [...] não existe um indivíduo que se deixe levar apenas pelo geral, sem uma impressão particular.".
> (SILVA, 2018, n.p.)

É do filósofo brasileiro Franklin Leopoldo e Silva (2018) a epígrafe que abre este tópico. Considero-a pertinente, pois, ao término da leitura do relato memorialístico de Paulo José, dei-me conta de que se trata de um texto além-indivíduo. Ele (o Paulo) ao falar de-si, fala da Mãe e da sociedade – o geral do qual ela não escapou ao ser nivelada 'por baixo', tendo suas alteridades confundidas com subalternidades (ser mulher, 'mãe solteira', operária, sertaneja). Sem dúvida, ela (a Mãe) teve a sua pobreza e analfabetismo amplificados por uma sociedade que, como disse Carolina Maria de Jesus (2007, p. 40), é tomada de assalto por "[...] quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre.". Ainda assim, foi capaz de fazer o mundo feio virar boniteza (para os/as filhos/as) através da educação (FREIRE, 2015).

Ao tornar-se pai-de-família, Paulo lança mão da 'poética da família' – uma ideia elaborada em alusão ao fato de que, a família é o lugar das constantes mudanças, pois é o "espelho" de uma sociedade (o geral) em profunda agitação; recebendo, gestando e devolvendo projeções simbólicas para a sociedade na qual está situada (e vice-versa) (BASTOS; RABINOVICH, 2009; SARTI, 2011). Ao tornar-se pai-professor, Paulo é lançando à escola – um outro "espelho" da sociedade e, por isso, *locus* de transformações. A escola, no texto

do Paulo, é problematizada e conclamada a ser (junto à família) recurso para a pessoa e para a sociedade, bem como espaço privilegiado das relações com outros '*outros*', afinal, disse Freire (2015, p. 93): "Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo [tornando-nos] aos poucos, na prática social de que tomamos parte.", isto é: a consciência de-si enquanto um ser em construção.

Referências

ADORNO, Luís; GAMA, Aliny. Homicídio doloso não pode ser descartado no caso do menino Miguel, diz OAB. **UOL**, São Paulo, 06 jun. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/06/homicidio-doloso-nao-pode-ser-descartado-no-caso-no-menino-miguel-diz-oab.htm. Acesso em: 07 jun. 2020.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos**: interação, contexto, comparação. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Maria Stela Torres B. Lameiras. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa *et al.* Família na contemporaneidade: o caso do Brasil. *In*: BASTOS, Ana Cecília de Sousa *et al.* (Org.). **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 13-17.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Realities of Living: from poverty to poetry, and beyond. *In:* BASTOS, Ana Cecília de Sousa; RABINOVICH, Elaine Pedreira (Eds.). **Living in Poverty**: developmental poetics of cultural realities. Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 out. 2020.

BRITO, Raquel Cardoso de; KOLLER, Silvia Helena. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. *In*: CARVALHO, Alysson Massote (Org.). **O mundo social da criança**: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 115-130.

COSTA, Camila. Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora. **BBC News Brasil**, [*S. l.*], 5 jun. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52932110. Acesso em: 07 jun. 2020.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Lições de casa**: últimos diálogos sobre educação. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades - Valente**. [*S. l.*, *s. n.*], 2021. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/itiuba.html. Acesso em: 18 set. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2007.

LEAL, Teresa Cristina Merhy; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. A família e seu estudo na perspectiva de professores(as) e formandos de curso de licenciatura em pedagogia. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira (Orgs.). **Família e parentalidade**: olhares da psicologia e da história. Curitiba: Juruá Editora, 2011. p. 63-79.

PERROT, Michelle. O nó e o ninho. **Revista Veja, 25 anos**: reflexões para o futuro. São Paulo, 1993, p. 75-81. Disponível em: https://vdocuments.mx/o-no-e-o-ninho-michelle-perrot.html. Acesso em: 20 set. 2022.

PETRINI, João Carlos. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. *In*: JACQUER, Christine; COSTA, Livia Fialho (Orgs.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p. 15-34.

ROUDINESCO, Élisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araujo da. Sisal na Bahia – Brasil. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 16, e16029, 2017. p. 1-13. Disponível em: https://www.scielo.br/j/mercator/a/zgv6pRK4ZhTzNhhh7jy6KpH/abstract/?lang=pt. Acesso em: 20 set. 2022.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Sartre e o Existencialismo. Transcrição de Fernanda Viana Lima. **Youtube**, 21 de abr. de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6ra45z_DWi4. Acesso em 22 ago. 2021.

SOUZA, Antonio José de. A família como objeto da História na Educação do Campo/roça para Convivência com o Semiárido. *In*: CREMA, Everton; MARTIN, Nilson Javier Ibagón (Orgs.). **Ensinar História**: Aprendizagens. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 45-53.

SOUZA, Antonio José de. Família e escola: um ensaio sobre o dueto e seus conflitos. *In*: SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira. **Educação no/do Campo**: entre o concebido, percebido e vivido. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 129-144.

TIBA, Içami. **Conversas com Içami TIBA**. São Paulo: Integrere, 2008.

Informações do Artigo

Recebido em: 18/09/2022
Revisado em: 24/09/2022
Aceito em: 05/10/2022
Publicado em: 20/11/2022

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Contribuição dos autores:

Autor 1 – Coordenador da proposta. Participação ativa na escrita e revisão final.
Autor 2 – Orientador da proposta. Participação ativa na escrita e revisão final.

Como citar este artigo

Santos P. J. P. dos; Souza A. J. de, (2022). A consciência de-si na relação família-escola. **Revista Macambira**, 6(1), e061015.
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.732

Licença:

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 18/09/2022
Revised on: 24/09/2022
Accepted on: 05/10/2022
Published: 20/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

Authors' contribution:

Author 1 – Proposal coordinator. Active participation in writing and final revision.
Author 2 – Proposal guide. Active participation in writing and final revision.

How to cite this article

Santos P. J. P. dos; Souza A. J. de, (2022). Self-awareness in the family-school relationship. Revista Macambira, 6(1), e061015.
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.732

License:

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.